

**Literatura Infantil — algumas observações subjetivas: Elias José (MG)**

**Comentador: Celso Pereira (PB)**

**Presidência: Aroldo Pimentel (PB)**

Ao escrever para crianças e jovens, o autor terá que refletir sobre a sua capacidade de comunicação, a qualidade literária de seu texto e sobre o que tem para dizer. Os textos muito metafóricos, psicologicamente densos demais, mesmo quando bem escritos, não dirão nada ao leitor iniciante. “Dom Casmurro” e “Memórias Póstumas” de Machado de Assis, “A Paixão Segunda de G. H” de Clarice Lispector, “Angústia” de Graciliano Ramos, por exemplo, são livros de qualidade indiscutível, mas são obras para adultos. Assim, não basta ser um texto bem escrito para ser Literatura para todos, como muitos afirmam. Por outro lado, o texto bem escrito para jovens poderá e deverá servir para o adulto, permitindo outras leituras.

A obra poderá ser aberta ao nível da sugestão, mesmo que não seja ao nível da linguagem. Períodos longos, com orações subordinadas, seguindo uma ordem inversa, criam dificuldades de leitura e entendimento. A imprevisibilidade é uma qualidade ao nível da estória a ser contada, pois o jovem adora a surpresa, o criativo, o diferente, o inesperado. Contudo, metáforas imprevisíveis dificultam o raciocínio, a apreensão. Há, porém, aqueles que escrevem buscando uma facilidade exagerada, pouco deixando de sugestão. Caem no extremo oposto, no apenas referencial. Fazem jornalismo, não fazem Literatura.

A linguagem oral, o coloquialismo, é uma necessidade, principalmente nos diálogos, que ganham em dinamismo e coerência quando correspondem com o nível de fala do personagem. Muitos autores tornam essa linguagem coloquial postíça demais, carregada de diminutivos, adjetivos e chavões. Pensando que estão reproduzindo a linguagem de criança ou do jovem, estão apenas imbecilizando o texto, fazendo imitação do irreal. O vocabulário da criança é o mesmo do adulto, apenas mais criativo, menos rico em quantidade e mais rico em lirismo e neologismo, coisas próprias do mundo dela. Dependendo do meio em que vive, das influências recebidas pelos meios de divulgação em massa, a criança falará mais ou menos dentro da norma. Os desvios lingüísticos enriquecem e dão naturalidade aos diálogos. Quanto mais apegado à norma gramatical e menos desaten-

to à vivacidade e acerto do desvio, mais longe estará o autor da coerência e da capacidade de comunicar com o jovem ou com a criança.

## II

Qual as funções básicas de um livro para a criança ou jovem? A pergunta é uma constante, as respostas variam de acordo com a faixa etária, com o ambiente, com o tipo de leitor, autor ou aconselhador (pais e mestres).

Parece indiscutível que, para a escola, o livro tem a função pragmática de levar o aluno a aprender melhor a língua, a compreender o que leu, a escrever melhor.

A família e os psicólogos preferem privilegiar os aspectos formativos, a possibilidade de assimilação de costumes, de sociabilidade.

A função lúdica nem sempre é muito observada e, principalmente para as primeiras leituras, ela não deveria ser esquecida. Se a criança aprender a descobrir a alegria que é ler, aprender a se divertir com uma boa estória, tenha ela moral ou não, estará apta a adquirir o hábito de leitura com mais facilidade. A maioria acha "chato" ler porque é uma imposição, exigência escolar para ser avaliada quase sempre.

Também a função evasiva é importante, principalmente para as crianças mais novas. A fantasia é uma necessidade. Através dela, o leitor poderá ser levada a criar e a viver a ilusão de espírito. Aprender a tirar das palavras mundos novos é aprender sensibilidade, valorização de estudos poéticos. O perigoso não é viver no mundo da lua, é não saber dar asas à imaginação, é ficar no apenas lógico.

Como a criança precisa da fantasia precisa também de tomar contato com o real. Não adianta camuflar a realidade e criar um mudo cor de rosa para ela. A capacidade de percepção infantil é bem maior do que supõem os adultos. Assim, um texto com função social, com pretensões de denúncia do lado torto da vida, poderá criar condições de julgamento e análise, poderá despertar a consciência de sujeito responsável pelo que acontece de errado.

Abrimos os jornais, literários ou não, e há uma produtiva mas extremada discussão sobre Fantasia X Realidade na Literatura Infanto-Juvenil. Produtiva, pois havendo espaço e interesse para discutir assunto tão sério e tão deixado de lado, é de se aplaudir. Extremado, pois autores e editores defendem o que têm para oferecer e parece que só um tipo de Literatura tem valor, sendo o outro lado "um lixo". A criança tem que ler estórias fantásticas e reais. O mundo não é constituído só de sonhos nem só de dramas. Mostrando um só tipo de leitura, estaremos dando uma visão apenas da realidade — ela mesma tão cheia de elementos contraditórios, insólitos ou tangíveis.

Ainda sobre as funções de Literatura Infantil-Juvenil, é interessante notar as transformações que elas sofrem com o tempo. As funções moralizadora e didática, antes tão decantadas, mostradas de forma direta, hoje são vistas de maneira diferente. O texto, inevitavelmente, traz uma moral, um sentido. Contudo esse sentido já não deve chegar ao leitor explicadinho, deve ficar para ele as várias possibilidades de apreensão. Essa apreensão leva a uma reflexão crítica e não tem, nos melhores autores, conotações moralistas. Não é uma lição piegas que um adulto acha que deve dar aos menos experientes. O próprio jovem despreza, faz ironia, quando lê um texto em tom de catecismo ou de aula convencional. Sermão ele já tem demais, em casa ou na escola. Por que irá se interessar por mais uma dose de verdade eternas, para os adultos, que não conferem com as dele?

Se levantarmos o problema das funções de um texto para professores, pais, escritores e leitores jovens, teremos muitas surpresas. Tentamos um trabalho assim, fazendo as perguntas: Por que Alguém escreve um livro? Por que Alguém lê um livro? Pais e professores insistem na idéia de que os autores escrevem e os leitores lêem por problemas culturais, didáticos e morais. Os autores quase sempre afirmam que não pensaram na razão do texto ou afirmam que pretendem um diálogo com as crianças e jovens ou que pretendem levantar problemas que merecem reflexões (função social). O jovem leitor, já com hábito de leitura, apenas acha que ler é uma "curtição". O jovem que lê por obrigação digo que é uma maneira de ser aprovado em Português. Poucos estão interessados nas funções dadas pelos pais, professores ou autores.

Se as funções chegarem até o leitor naturalmente, sem necessidade de teorização, tanto melhor. Mais importante do que saber falar sobre Literatura é saber senti-la, é vivenciar o texto como verdadeira "curtição".

Um texto literário poderá nos levar a redigir melhor, a conhecer o ser humano, a amar a Pátria, a valorizar o bem e a desprezar o mal, a conscientizar do nosso papel como ser social. Contudo, o prazer do texto é ponto de partida e de chegada. Só será Literatura se despertar sensibilidade, se nos fizer viver e recriar certos instantes significativos, se com palavras o autor criar vidas cores, perfumes, imagens. Sem vida, sem sangue, sem arte, teremos apenas um texto insignificante, que pode pretender dizer muito, mas não dirá quase nada.

### III

Fala-se muito em hábito de estudo, pais e educadores se desesperam porque jovens não querem ler, preferem a televisão. Será o hábito alguma coisa que se cria sozinho? Se as casas têm todos os bens criados e endeusados pela sociedade de consumo e o livro não se inclui entre eles, poderá haver interesse por ele? Se a mãe prefere as novelas de televisão à novela

literária, poderá exigir dos filhos um procedimento diferente? Se não viu interesse em sua casa pelos livros, o jovem irá se interessar assim, naturalmente? Terão os governantes como meta a divulgação da cultura, principalmente da cultura registrada nos livros? O livro é um objeto de fácil acesso para quem ganha salários normais ou baixos? Há bibliotecas em todos os municípios? Os meios de comunicação de massa, que ditam as modas e os modismos, falam no livro, em suas histórias, em seus gêneros, em seus autores, nos horários nobres? Há espaço nos jornais e revistas para se discutir uma obra literária? Onde estão os suplementos literários? E os suplementos infanto-juvenil? Será que os professores que exigem leituras leram os livros adotados? Terão eles hábito de leitura? Saberão captar toda a força de um texto literário?

São perguntas que nos ocorrem sempre que se fala da crise do livro na sociedade de consumo. A elas acrescentaremos uma última como fecho: Até que ponto o jovem é responsável por não saber e não querer ler um texto literário?

#### IV

Quando o ser humano, de qualquer idade, vai a um cinema, vê uma novela de televisão, lê um livro ou uma história em quadrinhos, está procurando história de gente. O hábito de ouvir histórias nasceu com o homem, como o gosto pelo poético. O homem nasceu cantando e escutando. Nasceu cantando se delicia com o canto alheio. Assim, um bom livro de Literatura, seja para que o público for, deverá ou contar histórias de gente ou cantar o sentimento humano. Cantar é uma manifestação poética. Contar é uma manifestação prosaica. Ambas são formas literárias, são artes.

Num texto há uma completa interligação entre comunicador e receptor, um feitiço. O que se transmite não é um negócio rentável, não é uma solução de problemas, muito pelo contrário, poderá ser instauração de novos problemas.

Num livro para adultos, a história pode vir diluída, a poesia pode ser dispersada em favor de referências mais concretas. Num livro infanto-juvenil, a narrativa ocupa o centro de tudo. O leitor estará preso nas ações das personagens, de preferência nas ações dinâmicas e não nas estáticas ou psicológicas. Estará preso na maneira de ser e reagir das personagens, gente feita de palavra, que deve trazer sua carga de homem ou de mito de forma muito intensa. Os climas de suspense prendem e despertam a imaginação. Mesmo uma história real, sem aventuras fantásticas, deve ter ação, prender, não permitir que o leitor abandone o livro por fastio.

O personagem age sempre num espaço e o leitor tem que se sentir habitante deste lugar, durante a leitura. Não haverá coerência se for impossível situar geograficamente a história e as pessoas da narrativa. Os elemen-

tos significativos do espaço é que vão dar essa capacidade de estar não estando. Nada mais rico do que encher o livro de elementos coerentes com o espaço, tanto objetos ou detalhes físicos como, e principalmente, coisas da natureza. A Arte poderá recuperar elementos poéticos e naturais que o homem vem destruindo e, com isso colaborar com reconstrução do equilíbrio ecológico. Ela tem uma força mil vezes maior do que qualquer campanha demagógica, oficial ou não. Mil vezes maior do que qualquer discurso político, jornalístico ou científico. Ela toca fundo, faz sentir na pele, deixa marcas que não se apagam com facilidade.

Sendo o personagem um indivíduo que age dentro de um espaço, é também situado em um tempo. Como no espaço, é importante que o leitor situe os acontecimentos e pessoas num nível temporal. Não importa ser esse tempo o mesmo do leitor. Se bem explorado, ele se deslocará para o passado ou para um futuro hipotético. Não será busca de um tempo perdido que faz do bom leitor adulto um apaixonado pelas obras infantis? Como as marcas do espaço, também as do tempo são importantes para explicar certos comportamentos, certas ideologias ou marcas definidoras historicamente.

A ironia é um elemento significativo na obra adulta. Se vinda de modo cortante, a ironia é capaz de incomodar mais do que levar ao riso. Mais do que as situações irônicas, que podem ser dispensadas, na Literatura Infanto-Juvenil será importante o riso, as situações divertidas, mesmo em livros que pretendem discutir assuntos sociais, com forte dose de relismo.

Não há receitas para se escrever Literatura, seja para que público for. Contudo, observando as preferências das crianças e jovens, é fácil perceber como eles valorizam esses elementos da narrativa. Os filmes de caubói, as histórias em quadrinhos e os desenhos animados agradam porque sabem dosar história, personagens, ação dinâmica, tempo e espaço, climas de suspense e de humor e uma carga poética em cada um desses elementos.

## V

A escolha do tema não nos parece tão importante como a maneira de desenvolvê-lo. Muitos autores escolhem determinadamente um tipo de tema, outros são mais ecléticos. Há os que preferem ficcionar temas ligados à História, misturam Arte e Ciência. Muitos procuram as raízes. Tanto de cunho folclórico como observando o inconsciente coletivo. Alguns partem da realidade limitada, dos dramas vividos pelo povo no tempo presente, é o caso entre nós da discutida "Coleção do Pinto", que pretende levantar problemas e acabou sendo divisora de metalidades. Alguns, partindo de dados da realidade, ficcionam, transportam-se para mundos hipotéticos, fazendo uma literatura de antecipação é o caso dos autores que se interessam por exemplo, pelas viagens interplanetárias. Muitos são os que prefe-

rem o mundo povoado de animais e dão vida humana a eles, capacidade de falar, sentir e, muitas vezes, ensinar aos homens. Há aqueles que embrenham pelas matas não violadas, pelos rios e mares. Há os que retratam a vida de acordo com o espaço, rural ou urbano.

O difícil não é escolher o tema, é desenvolvê-lo de maneira sugestiva e criativa, permitindo que o leitor se envolva, crie junto, se emocione, critique, reflita, questione, seja também criador. Parece que muitos autores não perceberam bem isso, principalmente os mais tradicionalistas, que dão tudo resolvido. É preciso confiar na capacidade de criação do leitor e fornecer meios para que ele atue ativamente no texto.

Feliz será o autor que, antes de publicar sua obra, tenha possibilidade de discutí-lo com o leitor. Se o livro fosse feito numa estreita colaboração entre os dois indivíduos implicados na comunicação (autor e leitor), por certo não haveria essas barreiras todas de entendimento. A criatividade proporcionaria novas aberturas de entendimento entre gerações. Não é o que acontece nas histórias orais, quando as crianças também opinam e transformam? As mães e professoras que contam história é que podem nos responder.

## VI

Falamos das possibilidades de criação coletiva, envolvendo leitor e autor. Pode parecer uma utopia para muitos, alguns já devem ter tentado. Realmente, seria o caso de envolver consumidor e produtor, o que não é fácil. Mas parece necessário, porém, envolverem-se no processo criativo os dois elementos criadores, autor e ilustrador (esse autor, também, das imagens. Geralmente, os dois nem se conhecem. O ilustrador recebe a encomenda da editora e cumpre a sua parte, sem discutir a obra com o autor. O autor, alegre ou decepcionado, recebe as imagens daquilo que disse através das palavras. Há contratos de editoras que exigem que a parte de ilustração seja de única responsabilidade do editor.

Ninguém discute mais, é ponto pacífico que, cada vez mais, é necessário ilustrar o livro para o público infantil. Mas como são distantes, às vezes, o texto e as ilustrações. Parecem obras diferentes, quando deviam ser modos diferentes de expressar a mesma coisa. Quando acontece da editora entregar a ilustração para um verdadeiro ilustrador (deixam de fazer porque a ilustração encarece muito o livro), tudo bem. Quase sempre, as ilustrações são convencionais, pouco criativas e mal impressas e não atraem sequer os acostumados com os massificados desenhos de consumo.

Não dá para compreender Cursos de Magistério (2º grau), Pedagogia, Biblioteconomia e Letras sem Literatura Infante-Juvenil, em seus currículos. Infelizmente, é o que se vê. Ambas as literaturas, quando vistas, fazem parte do currículo de Língua Portuguesa (no Magistério) ou de Literatura

Brasileira (em Letras). Como há muito o que estudar nessas matérias, a literatura infanto-juvenil, tão importante, fica num segundo plano. Professores do Primário ou de Língua Portuguesa do 1º grau (5ª a 8ª séries) quase nada levam ao conhecimento teórico e vivência dos textos que utilização como profissionais. Se for um profissional responsável e não necessitar de dar aulas três períodos para sobreviver numa profissão tão marginalizada, tudo bem, completará o que lhe falta sozinho ou em cursos (raros) de extensão. Caso contrário, quem será prejudicado? Parece-nos necessário e urgente acrescentar no currículo, com carga horária obrigatória, nos cursos de Biblioteconomia, Letras, Pedagogia e Magistério (2º grau) e cadeiras de Literaturas Infantil e Juvenil.

Uma vez colocadas essas Literaturas feitas para público especial, para serem estudadas por futuros profissionais especializados, surgirão normalmente obras de caráter teórico ou didático, orientadoras e superiores às que existem, quase sempre convencionais, repetitivas e ultrapassadas. Ganharão os professores, que terão melhor formação e bibliografia especializada. Ganharão os estudantes, pois terão uma orientação mais segura. Ganharão os autores de obras literárias infanto-juvenis, porque serão estudados, permitindo uma constante revisão para aprimorá-los.

Ganhará a escola ao possibilitar a vivência e a valorização da criatividade. Ganhará o país, pois, como disse alguém: "um país se faz com gente e livros".

## VIII

Num país como o nosso, o livro é artigo superfluo, difícil de concorrer com os bens de sobrevivência. As edições são raras e caras, as tiragens pequenas. Há poucas livrarias e bibliotecas. É preciso que os governantes façam maior investimento na criação de bibliotecas e co-edições. Raras são as cidades que têm bibliotecas, as escolas, quando têm, são frutos de campanhas de professores de Português. Não havendo bibliotecas, como consequência, não haverá bibliotecários e nem público. Uma coisa é sempre consequência de outra, uma falta gera muitas outras. Nas casas, quando há livros, quase sempre funcionam como peças decorativas. Os clubes recreativos e culturais têm salas de jogos, de dança, balneários, mas ironicamente, não têm bibliotecas. Livraria é tipo de comércio para as capitais e cidades maiores e são tão pouco atrativas que não convidam a entrar sequer o leitor habituado.

Alguém disse que, como a árvore e o índio, o livro está destinado à extinção, principalmente nos países que não atingiram ainda o desenvolvimento econômico e intelectual. Outros disseram também que, como a árvore, o livro está cansado de ser homenageado, decantado, mitificado e pouco lido.

Há campanhas de incentivo para quem colabora com a abertura de terras pouco habitadas, quem ajuda a construir hospitais ou outras formas de serviço social, com o desconto no imposto de renda. Se há as mesmas regalias para quem ajuda a montar bibliotecas em suas empresas, nas escolas ou nas cidades, ninguém sabe, não há divulgação. O livro é sempre visto como artigo de muito valor, mas não há ajuda maior, de particulares ou oficial, para que ele chegue ao público.

Antes de condenar as novas gerações pelo desinteresse que mostram pela leitura, é preciso repensar o que se tem sido feito para um efetivo incentivo à leitura e ao saber. Não é preciso dizer que, com novos leitores, novos autores surgirão, formando uma Literatura Infanto-Juvenil mais nacional e mais vigoroso.

Além da criação de livrarias bibliotecas, entidades governamentais e culturais deveriam criar novos concursos e aperfeiçoarem os existentes. Os concursos aumentam o espaço cultural para os autores consagrados e incentivam o surgimento de outros. Também seriam interessantes concursos que levassem as crianças a criar poemas, contos e crônicas ou comentários de obras lidas. Aos professores, é importante a criação de cursos, seminários sobre a Literatura Infanto-Juvenil e sobre as técnicas de ensino ligados a ela, bem como concurso com prêmios para os melhores trabalhos desenvolvidos no gênero.

## IX

Como anda a produção literária no gênero infanto-juvenil em nosso país? Monteiro Lobato continua a ser o único autor importante, como há muitos anos? Apesar de continuarem predominando os títulos clássicos, muitas vezes mal traduzidos ou adaptados sem muita imaginação, pode-se notar uma enorme mudança nos últimos anos. Basta verificar os catálogos das editoras que se especializaram no gênero para se concluir que está havendo uma ótima reação. Se nos aspectos gráficos continuamos deficientes e há uma quase impossibilidade de se concorrer com o que já vem pronto das editoras estrangeiras, na parte dos textos, na qualidade deles, houve sensível melhora. Surgiram vários nomes que se dedicam apenas à produção infanto-juvenil. É importante a adesão de autores consagrados em obras adultas, quebrando antigos preconceitos contra o gênero, injustamente considerado menor.

Num ensaio sobre a Literatura Infanto-Juvenil feita no Brasil, publicado no Boletim Informativo da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, nº 31 (julho/setembro 1975), Lourenço Filho cita um levantamento feito em 1942, mostrando que haviam sido editadas 605 obras no gênero, sendo 434 traduções, adaptações e mesmo grosseiras imitações de autores estrangeiros” e dos 171 “originais brasileiros, cerca de metade são de

medfocre qualidade, quer pela conceção e estrutura, quer também pela linguagem." O mesmo não se pode dizer da produção — dos anos setenta. Há, inclusive, uma certa marginalização, por parte da crítica e dos professores mais evoluídos, dos autores que ainda existem em temas ultrapassados, em imitações estrangeiras em recriar posticamente a linguagem infantil (como se a criança fosse um ser imbecil, não considerando a sua individualidade de expressão).

Se remontarmos ao nosso passado literário, será fácil perceber a pouca atenção dada ao gênero intanto-juvenil até o Pré-Modernismo. Olavo Bilac, Coelho Neto e Humberto Campos, com o desacerto moralista e ufanista poucas vezes disfarçado, são pioneiros. Pouca coisa do que criarem perdurou, pois sua obras não tinham a força necessária para ficar. Monteiro Lobato, Viriato Correia e Malba Tahan conseguiram impor-se, os dois primeiros criando obras bem brasileiras e o último aproveitando o fabulário árabe, com adaptações de qualidade indiscutível. Poucos modernistas do primeiro momento se interessaram pelo gênero, contudo as gerações posteriores já começam a interessar-se, dando contribuições definitivamente importantes, como as de Mário Quintana, Vinicius de Moraes, Cecília Meireles e Henriqueta Lisboa na poesia e Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Orígenes Lessa e Clarice Lispector na prosa. Surgiram nomes que so dedicam apenas à Literatura Infanto-juvenil, como Francisco Marins, Vovô Felício, Odette de Barro's Mott, Lygia Bojunga Nunes, Ganymedes José, Isa Silveira Leal, Edy Lima, Lony Merneck, Vivina de Assis Viana, Giselada Leaporta Nicolelis, Ruth Rocha, Maria Clara Machado, Mary e Eliardo França, Maria Heloisa Penteadó, Maria Lúcia Amaral, Joel Rufino dos Santos, Euclides Marques de Andrade, Ana Maria Machado, Lucília de Almeida Prada, Lúcia Pimentel Góis, Jannart Moutinho Ribeiro, Lúcia Machado de Almedia, Meiga Vasconcelos e tantos outros. Autores famosos em outros gêneros estão dando sua contribuição à literatura infanto-juvenil, o que é uma certeza de qualidade nos textos. Entre eles, podemos citar Ignácio Brandão, José J. Veiga, Gilberto Mansur, Moacir C. Lopes, Márcis Sampaís, Márcis Almeida, Ary Quint la, Fausto Cunha, Luís Fernando Emediato, Henri Correia de Araújo, Dirceu Quintanilha, Jorge Amado, Osman Lins, Libério Neves, Stella Leonardos, Homero Homem, Wander Pirelfi, Fausto Wolff, Kátia Bents, Ruth Bueno, Ziraldo e tantos outros. Há, sem dúvida, tendência a aumentar o número deles, dado ao sucesso que vem alcançando essa contribuição notável.

No campo da crítica, é bem menor a renovação, mas ela existe e tende também a crescer. As obras pioneiras de Bárbara de Vasconcelos, Alaf-de Lisboa, Leonardo Arroyo, Nelly Novaes Coelho, Maria Antonieta Cunha e Maria Lúcia Amaral são o que existe de melhor em livro. Contudo, está aparecendo uma nova geração de críticos muito lúcidos, por enquanto restritos, à publicações especializadas ou a jornais e revistas, como. Laura

Constância Sandroni, Eglê Malheiros, Ruth Villela Alves de Sousa, Bruna Becherucci, Tatiano Belinki, Ana Maria Machado, Fúlvia Rosemberg e alguns mais.

A lista é falha, foi feita de memória, mas dá para os pessimistas re-flitirem sobre a evolução do gênero entre nós. Uma informação mais ampla e segura sobre a produção brasileira até 1974 está no Dicionário de Literatura Infanto-juvenil, editado pela Melhoramentos o feito por uma equipe de especialistas da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, seção brasileira do IBBY. Também é fundamental o Boletim Informativo (trimestral que essa Fundação pública, com material talvez mais importante de que encontrado nos livros, pois é sempre atual e feito por quem entende do assunto, sem o didatismo predominante em obras sobre o gênero.

---

#### ELIAS JOSÉ

Prof. de teoria da Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Minas Gerais

Autor de doze livros publicados e quatro inéditos sendo quatro de contos, um romance, cinco novelas infanto-juvenis, um de poesia infantil e um de técnica de Redação.

Entre os prêmios conquistados temos: o "Jabuti" para o livro de contos "Inquieta Virgem no fundo do Poço", considerado o melhor livro de contos e de ficção de 1974; I prêmio de Redação, no concurso do MEC, 2º lugar no concurso de contos do Paraná; prêmio "A criança mineira", alcançado com a novela infanto-juvenil "Um fantasma no porão".

Mais ou menos quinhentos trabalhos em jornais e revistas. Contos traduzidos para a Argentina, México, Canadá, E. Unidos, França e Polônia Participação em antologias no exterior.